

**PROJETO:
ESTEREÓTIPO DE GÊNERO-
LEITURA, LUDICIDADE, TECNOLOGIA, ARTE E TRÂNSITO, COMO
CAMINHOS DE INTERVENÇÃO E REVENÇÃO**

I- SÍNTESE DA EXPERIÊNCIA

O projeto, aqui apresentado, foi desenvolvido na turma de Alfabetização do 1º Ano (A) do Ensino Fundamental I, do ano de 2012, da Escola Municipal Neil Fioravanti da cidade de Dourados.

O mesmo surgiu ao serem constatados estereótipos ligados aos gêneros durante as brincadeiras bem como em outras situações.

O trabalho teve como objetivo promover a alfabetização e o letramento aliado ao combate aos estereótipos de gêneros, de modo interdisciplinar. Visou propiciar a inclusão, a integração da família, da equipe escolar e sociedade de modo a colaborar para o desenvolvimento do (Plano de Metas Compromisso Todos Pela Educação- Decreto 6.094/2007).

A metodologia se deu pela interface das áreas de conhecimento, integrou a arte, a reciclagem, as TICs, gêneros textuais diversificados e suportes diferenciados de leitura.

Os educandos foram avaliados durante todo o processo e os objetivos foram para além do esperado.

O estudo gerou a elaboração de um documento reivindicativo que foi entregue a APM (Associação de Pais e Mestres) da escola. Tais reivindicações sugeriram a criação de uma Brinquedoteca Inclusiva e a ampliação do combate ao estereótipo de gênero em toda a instituição escolar.(Reivindicações em anexo)

Em 2013, o projeto foi compartilhado na escola por meio de uma oficina que envolveu os educadores do Ensino Fundamental I.

O trabalho também foi apresentado no curso do PNAIC (Pacto Nacional pela Educação na Idade Certa) e na rede municipal para os educadores da Educação Infantil.

O mesmo foi selecionado para ser apresentado no II EHECO (II Encontro da História da Educação do Centro-oeste).

Atualmente, tem sido ampliado para outras turmas por meio de contação de histórias contra o estereótipo de gênero.

II- CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A Escola Municipal Neil Fioravanti, está situada na zona urbana da cidade de Dourados no estado de Mato Grosso do Sul. A mesma atende o público da Educação Infantil Pré-Escolar II, Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II, compostos por 1.150 educandos distribuídos no período diurno.

Os educandos são, na maioria, oriundos dos bairros adjacentes, alguns de bairros mais afastados e a minoria da zona rural.

A estrutura física da escola, além de outros espaços, conta com uma biblioteca ampla, duas salas de informática, um laboratório e um auditório. Possui um Conselho Escolar, APM (Associação de Pais e Mestres) e uma equipe escolar presente e atuante.

A escola enfrenta os desafios de trabalhar visando a construção da igualdade, valorização dos gêneros e de conscientizar os pais da necessidade de se compromissarem com a vida escolar dos filhos.

Nesse contexto, constatou-se que as famílias envolvem-se mais quando são chamadas para participarem de projetos que integram dinâmicas familiares,

culminâncias de trabalhos e atividades que os envolvem para além do simples encontro bimestral de entrega de “notas”.

Tendo em vista que a instituição tem como filosofia “Educar para a Cidadania”, integrou-se o projeto, aqui apresentado, com o objetivo de construir a igualdade de gênero, assim como envolver educandos e as famílias de modo significativo e prazeroso.

III- JUSTIFICATIVA- Histórico do Surgimento do Projeto

No período de adaptação escolar, eu (educadora da turma) comecei o processo de avaliação diagnóstica para conhecer melhor os educandos, tanto no que diz respeito ao coletivo como em suas particularidades. Realizei pesquisas avaliativas para verificar seus conhecimentos prévios e suas dificuldades.

Além da escrita e leitura, a ludicidade também foi um processo diagnóstico pois, através dela, pude verificar questões ligadas à socialização e ao relacionamento.

Foram nesses momentos que eu constatei, durante a exploração dos espaços lúdicos da casinha e dos jogos, que alguns educandos apresentavam preconceitos ligados ao estereótipo de gênero nas brincadeiras, pois surgiram as seguintes falas:

- Educando 1 *“homem não brinca de casinha”;*
- Educanda 2- *“Meu pai disse que só ele pode dirigir, que a minha mãe não!”.*
- Educanda 3- *“Menina não pode jogar bola!”;*
- Educando 4- *“Homem não chora, não é professora?”;*
- Educando 5- *“Você é mulherzinha porque entrou na fila das meninas.”*

Em relação as atitudes, observei, que nas brincadeiras os meninos e meninas não se misturavam. Diante do diagnóstico me autoquestionei:

“Como mediar o diagnóstico da escrita e essas situações de preconceitos, transformando-as em aprendizado?; Como explorar os conteúdos curriculares e, ao mesmo tempo, agregar valores, respeito aos gêneros de forma prazerosa e significativa?; Como alfabetizar letrando? Como “Educar para a cidadania”, conforme a proposta do Projeto Político Pedagógico da escola?”

Diante dos autoquestionamentos, utilizei as TICs e realizei várias pesquisas para ampliar o meu campo de visão e trabalhar frente a essas situações. Em relação a ludicidade, constatei que VYGOTSKY, um dos pioneiros nos estudos do desenvolvimento intelectual das crianças e das suas interações sociais, destacou a importância da mesma, para ele *“... o brincar e o brinquedo criam na criança uma nova forma de desejos. Ensinam-na a desejar, relacionando seus desejos a algo fictício, ao seu papel no jogo e suas regras.”* (VYGOTSKY-1984- P.114)

Já em relação ao gênero, o PCN (Parâmetro Curricular Nacional) destacou: *“É inegável que há muitas diferenças nos comportamentos de meninas e meninos. Reconhecê-las e trabalhar para não transformá-las em desvantagem é papel de todo educador.”* (Temas Transversais- Orientação Sexual- 1998- p.322).

Sobre a fala que apresentava preconceito em relação a mulher dirigir, consultei as novas Diretrizes Nacional da Educação do DENATRAN e constatei que houve a inclusão do trânsito como tema transversal, tendo como objetivos:

I - priorizar a educação para a paz a partir de exemplos positivos que reflitam o exercício da ética e da cidadania no espaço público;

II - desenvolver posturas e atitudes para a construção de um espaço público democrático e eqüitativo, por meio do trabalho sistemático e contínuo,

durante toda a escolaridade, favorecendo o aprofundamento de questões relacionadas ao tema trânsito.

Percebi, então, que deveria cumprir o meu papel de educadora. Teria que elaborar um projeto que me oportunizasse partir do diagnóstico levantado e , ao mesmo tempo, cumprisse a proposta curricular da nossa escola.

Com esse pensamento, elaborei o presente projeto, aqui apresentado, que foi denominado: Estereótipo de Gênero- Leitura, Ludicidade, Tecnologia, Arte e Trânsito, Como Caminhos de Intervenção e Prevenção.

IV- OBJETIVOS

- Objetivo Geral

Promover a alfabetização e o letramento aliado ao combate aos estereótipos de gêneros, de modo interdisciplinar, bem como utilizar a arte de reciclar, a educação no trânsito e as TICs, como processos de cidadania para quebrar os preconceitos. Propiciar a inclusão, a integração da família, da equipe escolar e sociedade de modo a colaborar para o desenvolvimento do (Plano de Metas Compromisso Todos Pela Educação- Decreto 6.094/2007).

- Objetivos Específicos

Esperou-se que os educandos se desenvolvessem de modo a:

- Abandonar os estereótipos de gênero, exercer a cidadania e respeitar a diversidade; Desenvolver-se na oralidade ao usar a língua falada em diferentes situações escolares, em debates, exposições de ideias, etc; Interagir com diversos gêneros textuais e suportes diversificados de leitura de modo a apropriar-se do sistema de escrita e da leitura; Compreender o trânsito como direito de todos, independente de gênero; Ampliar a criatividade por meio da arte de reciclar; Participar em brincadeiras e outras interações cotidianas dentro e fora da sala de aula em sala de aula, sem nenhum tipo de preconceito; Utilizar e interagir com as TICs, reconhecendo-as como fontes de informação, comunicação, conhecimento e entretenimento.

V- CONTEÚDOS CURRICULARES

Língua Portuguesa: Linguagem Oral; Escrita, Leitura e Produção; Reconhecimento de suportes e gêneros textuais diversificados; Utilização das regras ortográficas e da função social da escrita.

História: Identidade: Exploração do histórico de vida de cada um (nome, gênero, idade, família); Cidadania: Valorização de si e do próximo (direitos e deveres).

Artes: Artes visuais por meio dos recursos tecnológicos e a arte de reciclar.

Ciências: Corpo humano: (Partes do Corpo, Lateralidade e Diversidade); Ciências e Tecnologia.

Geografia: Preservação e valorização do meio ambiente; Utilização do lixo reciclável para construção de brinquedos; Integração dos gêneros nos espaços.

Matemática: Contagens; Quantidades; Leitura e escrita dos numerais.

Temas Transversais : Valorização da diversidade, trânsito e inclusão.

VI- REFERENCIAL TEÓRICO

Para início da ação, como citado, houve pesquisas, leituras e reflexões que apontaram que a criança aprende brincando e são nas brincadeiras que ela começa entender o mundo que a rodeia, se socializa com os seus pares, enfrentando situações que relacionam a ficção e a realidade.

O papel da escola é respeitar a infância e proporcionar um aprendizado voltado a ludicidade, a fantasia e ao prazer.

Diante disso, foi preciso rever conceitos mediante ao apontamento de LUCKESI que ressaltou:

“ O conceito de brincar que perpassa nosso cotidiano é bastante moralista. Aqui e acolá dizemos ou ouvimos dizer: “Agora, acabou a brincadeira; vamos trabalhar”; “Aqui não é lugar de brincadeira”; “Isso não é uma brincadeira”; “Vocês estão brincado, mas é preciso levar isso a sério”. Essas e outras expressões não fazem jus ao conceito de brincar. Ao contrário, desqualificam-no. [LUCKESI- Brincar II : brincar e seriedade]

O mesmo autor apontou que:

“sempre que nós utilizamos o termo sério em nosso cotidiano, ele vem carregado de conotações tais como “sísudo”, “cansativo”, “doloroso”, “alguma coisa que deve ser realizada com esforço e sofrimento”, ou coisa parecida. Neste contexto, qualquer experiência que traga alegria, prazer, riso, será considerada não-séria. Então sério aparece como sendo o oposto de alegre, prazeroso, leve, hilariante, criativo (a menos que seja uma criatividade sisuda, se ela for possível). Sério parece que deve ser rançoso. Penso que, mais adequadamente, poderíamos configurar o sério como aquilo que é profundo, aquilo que é cuidadoso. Então, o sério será o oposto de leviano, de superficial, porém não o oposto de leve e de prazeroso. Leviano e leve são coisas bem diferentes.” [Ibid]

Logo, foi num contexto sério e “não-sisudo” que se foi pensado o desenvolvimento do referente projeto. O mesmo pretendeu integrar a brincadeira sem desqualificá-la, mostrar o lado profundo e importante para a vida dos educandos. Para que os mesmos desenvolvam, brincando, seus conhecimentos cognitivo, afetivo, social e cultural.

VII- DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Apresentação do projeto para os pais

Vale ressaltar que, os educandos foram partes integrantes de todo o processo. Deles surgiu o tema, também puderam votar e aprovar o projeto que seria trabalhado. Um ponto a ser destacado, foi a integração da família, sendo que os pais foram chamados, ouviram o propósito do projeto, concordaram e se propuseram a participar.

A cada estudo, foi levantado o conhecimento prévio da turma, o que foi de grande valia, pois possibilitou pautar a próxima aula e torná-la mais significativa.

Exploração da arte, dos gêneros textuais e suportes diferenciados de Leitura

Para tratar das falas e autoquestionamentos ligados ao projeto, foi necessário realizar um resgate histórico para que os educandos compreendessem a si próprios como seres sociais. Assim, para adentrarmos ao tema, utilizamos a arte musical, onde ouvimos e cantamos a música: (Aos olhos do Pai- da cantora Ana Paula) onde pudemos dialogar sobre a origem da vida.

Como os educandos gostavam muito de ouvir histórias, sejam elas contadas ou lidas, e para dar continuidade no entendimento da origem da vida, realizamos uma leitura da história (Menina Bonita do Laço de Fita- da autora Ana Maria Machado). Durante a interpretação oral, tratamos da questão da hereditariedade. A menina da história era afrodescendente, isso nos possibilitou

explorar a diversidade, onde refletimos sobre como herdamos as nossas características físicas.

Posteriormente, cada educando se observou no espelho descrevendo (cor de pele, do cabelo, dos olhos, se era do sexo masculino ou feminino, se era parecido com o pai, a mãe ou avós...). Depois cada um fez seu autorretrato e apresentou para a turma. Realizamos diversas outras atividades de escrita.

Outro desafio que enfrentei foi de utilizar as atividades de leitura e a escrita além do simples processo de ler e escrever. Precisei integrá-las de modo significativo para que os educandos fossem compreendendo a função da cultura da escrita oportunizando, ao mesmo tempo, a alfabetização e o letramento.

Com as atividades contextualizadas, eu assumia o papel de mediadora e escriba, desafiando todos e auxiliando os que tinham mais dificuldades. Outras vezes, com atividade em dupla, juntava o que dominava mais com aquele que dominava menos para que um ajudasse o outro.

No decorrer desse processo, constatei que alguns educandos estavam espelhando as letras e os numerais, porque muitos deles, nessa fase da infância, têm dificuldades de identificar a lateralidade ligada ao próprio corpo. Percebi que dentro da temática isso também poderia ser trabalhado.

Assim, para melhor conhecimento do corpo humano, bem como para proporcionar a integração dos gêneros masculino e feminino nas brincadeiras, utilizamos o jogo (Teia de Elástico). Tal jogo era formado por um emaranhado de elástico que formava uma teia onde os educandos tinham que passar por cima, por baixo, pular com o pé direito, com o pé esquerdo, etc.

O mesmo mostrou que meninas e meninos podiam brincar juntos, bem como possibilitou o autoconhecimento do corpo, seus movimentos, a sua lateralidade, ajudando no processo de aprendizagem da escrita e da arte.

Contextualizando a fala “Homem não brinca de casinha”

A expressão "gênero" começou a ser utilizada justamente para marcar que as diferenças entre homens e mulheres não são apenas de ordem física, biológica. [...] A noção de gênero, portanto, aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino. (original: Yara Sayão e Silvio Duarte Bock- Edição: Equipe EducaRede 2002)

Pensando nessas relações sociais, apontadas na citação acima, após o primeiro momento de reconhecimento de si mesmo, iniciou-se um trabalho para o reconhecimento dos direitos e deveres dos gêneros masculino e feminino dentro de uma sociedade (nas brincadeiras, nas moradias, no trânsito, etc).

Considerando a fala de que menino não podia brincar de casinha, integramos as TICs para auxiliar no combate desse estereótipo. Por meio do data show e notebook, assistimos o filme (Brincando de boneca- da Turma da Mônica). O mesmo demonstrou o preconceito na brincadeira de casinha e de boneca. Possibilitou tratar do estereótipo de gênero, a partir do vídeo, sem criar rótulos ou apontamentos na turma.

Contextualizando, esclareci que ao brincarem de casinha, estão representando, ludicamente, a casa deles. Que a casinha não faz parte, apenas do universo feminino. Já que nas moradias, mesmo variando a quantidade e como são formadas as famílias, muitas delas existem mãe, pai, tia, tio, avó, avô, assim por diante. Ressaltei, que ambos interagem nesses espaços e assumem papéis.

Aos poucos, com os debates, foram abandonando o preconceito e começaram a interagir na brincadeira de casinha antes, estereotipada por eles.

As leituras ajudaram muito. Considerando isso, criamos um espaço na sala onde foram disponibilizados vários suportes como: gibis, livros, revistas e jornais.

Realizamos também, leituras ao ar livre, exploramos a biblioteca escolar e o Livro Didático para a realização de várias atividades. Assim, a temática foi sendo explorada e a cultura da escrita ia sendo ampliada de modo lúdico e significativo.

Contextualizando a fala: “Meu pai disse que só ele pode dirigir, que a minha mãe não!”

HOFFMANN & FILHO destacaram que:

“A Educação no trânsito vai além da aplicação de procedimentos a fim de que o aluno conheça, compreenda e respeite as normas de circulação e se comporte como cidadão responsável, ela insere-se num âmbito mais amplo que é a educação ético-social”. p. 114 (2003)

Foi nessa perspectiva citada pelos autores acima, que trabalhei o trânsito ligada a educação ético-social, quando na turma surgiu a fala: “Meu pai disse que só ele pode dirigir, que minha mãe não!”.

Ao ser questionada se era porque a mãe não possuía carteira de motorista a educanda, logo respondeu: “Não professora, ela já tem carteira é que o meu pai disse que ela pode bater e estragar o carro dele!”. Constatei que a fala refletia um certo preconceito que menosprezava a mulher como se a mesma não fosse um ser social apta a transitar como uma cidadã.

Paulo Freire que era um educador e pesquisador brasileiro, apontou sabiamente: “Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.” (FREIRE Educação na cidade 1991)

Com essa visão Freireana, para tratar da questão e mostrar que mulher também pode dirigir, realizamos reflexões e debates sobre o papel social da mulher, seus direitos e deveres. Produzimos textos coletivos sobre mulher no trânsito, o seu direito de ir e vir, e realizamos diversas atividades.

Para tornar o estudo mais lúdico, confeccionamos meios de transporte com caixas de papelão e realizamos várias atividades lúdicas, simulando homens e mulheres interagindo no trânsito. Como motoristas e como pedestres.

As meninas simularam as mulheres adultas, dirigindo e demonstrando o direito delas de ir e vir, com cidadania. Os meninos, integrados com as meninas, refletiram que homem e mulher têm os mesmos direitos e deveres no trânsito.

Perceberam que eles eram crianças e poderiam interagir de “carona”, ou como pedestres e ciclistas. Compreenderam que quando estiverem na idade certa (18 anos) todos terão direito de tirar a Carteira Nacional de Habilitação, sem discriminação de gênero. Em sala, por uns dias, realizamos várias atividades de classificação de meios de transporte (aéreos, aquáticos, subaquáticos e terrestres).

“O Trânsito é uma disputa pelo espaço físico, que reflete uma disputa pelo tempo e pelo acesso aos equipamentos urbanos, - é uma negociação permanente do espaço, coletiva e conflituosa. E essa negociação, dadas as características de nossa sociedade, não se dá

entre pessoas iguais: a disputa pelo espaço tem uma base ideológica e política; depende de como as pessoas se vêm na sociedade e de seu acesso real ao poder”(VASCONCELOS 1985)

Para complementar, houve uma palestra antibullying, onde ressaltamos o combate ao estereótipo de gênero e o direito de igualdade, inclusive no trânsito.

Além disso, integramos a excelente palestra para os pais, ministrada pela psicóloga (Terezinha, da SEMED) que, com propriedade, tratou das temáticas sexualidade e gênero.

Os educandos, também levaram para as suas famílias, leituras reflexivas com contos que tratavam do relacionamento humano. Essa integração dos pais, desde o início do projeto, foi muito importante pois, puderam participar da vida escolar dos seus filhos, refletir sobre os preconceitos sociais e estereotipados existentes.

Contextualizando as falas: “Menina não pode jogar bola!”; “Homem não chora, não é professora?”

Para dar continuidade a esse direito a igualdade, realizamos a leitura de um texto poético utilizando como suporte, o papelógrafo. Lemos, dramatizamos o poema (Jogo de Bola- Autora: Cecília Meireles), dialogamos e compreendemos que as mulheres também podem jogar bola.

Posteriormente, jogamos futebol onde cada time era composto por ambos os gêneros. Eles gostaram muito e foi muito gratificante vê-los jogando sem discriminação. Após o jogo de futebol, realizamos a interpretação escrita e desenhos ligados ao texto.

Em relação ao direito do homem, de ter e de expressar seus sentimentos, com um gênero textual narrativo num painelógrafo gigante (livro de pano), exploramos a história: (Homem Chora?- do autor Flávio de Souza).

Partindo dela, debatemos o assunto, realizamos atividade escrita, desenhos, apreciações das produções que nos levaram à conclusão de que tanto o homem quanto a mulher têm sentimentos e têm o direito de chorar.

Cada criança, através do jogo: A Flor da Palavra, utilizou a linguagem oral e falou de uma situação que a fez chorar e de como lidou com essa situação.

Realizamos produções de textos coletivas, atividades lúdicas ligadas ao trânsito, bem como leituras e debates que nos oportunizaram a tratar dos preconceitos surgidos e, aos poucos, a turma ia compreendendo e interagindo com a temática.

Será que a escola combate ou cria situações que favorecem aos estereótipos? Contextualizando a fala: “Você é mulherzinha porque entrou na fila das meninas.”

Creio que muitos estereótipos são praticados pelos educandos por se espelharem em situações vivenciadas na família e na escola.

Quando digo na escola, é porque, de certa forma, infelizmente, alguns de nós, educadores e outros profissionais da educação, muitas vezes, colaboramos para o surgimento de situações estereotipadas.

Como somos capazes de explicar para as crianças que elas têm que viver em meio a diversidade se na prática, as separamos em “fila de meninas e fila de meninos?; Como somos capazes de rotularmos as brincadeiras como “brincadeira de meninos” e “brincadeira de meninas”?

A organização das filas da nossa turma, por exemplo, acabou gerando falas estereotipadas. Quando um menino entrou na fila “errada” ouvimos: “Você é mulherzinha porque entrou na fila das meninas”.

Pensei: se nas farmácias, nos bancos, nos supermercados e outros lugares da sociedade as filas são únicas, por que na escola, que prega a igualdade, isso é diferente?

Levei a problemática para a turma e para as famílias. Decidimos, então, daquele momento em diante, fazer fila única.

A mesma seria por ordem de chegada (para eliminar outro antigo estereótipo de que os pequenos eram “coitadinhos e fraquinhos” e por isso deviam ficar sempre na frente. Enquanto os grandes que “eram fortes e sabiam se defender”, deveriam ficar atrás). Assim, cada criança, independentemente do tamanho, teve a oportunidade de ficar à frente da fila, sem preconceito.

Valorização da diversidade:

Outro momento interessante de respeito à diversidade foi quando, baseado na história (Uma Professora Muito Maluquinha- do escritor Ziraldo), os educandos foram presenteados com a “Medalha do Mais”.

Refletimos que cada um era diferente do outro mas, todos deveriam ser respeitados e valorizados. Assim, cada um foi valorizado no que tem de melhor. Foi ressaltado (o mais bondoso, o mais estudioso, o mais criativo, o mais expressivo, o mais solidário, o mais alegre...). Ninguém ficou sem medalha, foi valorizado a diversidade, tiveram sua autoestima elevada e perceberam o lado bom de cada um. ***“Ensine a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando envelhecer, não se desviará dele” Provérbio 22-6***

Culminância e perspectivas de continuidade

Para finalizarmos o projeto, utilizamos as TICs onde os educandos selecionaram a música e as fotos que seriam utilizadas para a montagem do nosso vídeo. (Em anexo) Após a montagem do mesmo, o assistimos, revimos fotos, atividades e tudo o que aprendemos. Apresentamos também, em murais, uma mostra do trabalho.

Como sugestão, disponibilizamos aos demais educadores, os gêneros textuais que utilizamos bem como os suportes de leituras, jogos, vídeos e outras atividades por meio de uma exposição na sala dos professores. Compartilhando assim, o que produzimos.

Os familiares assinaram a autorização para a divulgação das imagens. Assim, todo o projeto foi gravado e presenteado a cada família.

Com o pensamento de que o aprendizado é um processo que não pode parar, criamos reivindicações que foram entregues a APM (Associação de Pais e Mestres) e ao PPP da escola. O objetivo das mesmas foi de integrar toda a comunidade escolar no combate aos estereótipos de gênero.

Para a ampliação e integração de todos, também reivindicamos um espaço para a criação de uma (Brinquedoteca Inclusiva). A mesma terá esse nome tendo em vista que ficará disponível a todos os educandos da escola, independentemente da idade. Isso porque, apesar da sociedade documentar que a infância se dá até os 12 anos, acreditamos que isso é relativo, pois não existe uma idade pré-determinada, capaz de cronometrá-la. Além disso, acreditamos que a ludicidade faz parte de todas as fases da vida.

Atualmente, está havendo contação de histórias contra os estereótipos para outras turmas da escola.

VIII- RESULTADOS OBTIDOS

Ao analisarmos os resultados obtidos com o projeto, constatou-se que educandos foram trabalhados de modo integral, como sujeitos sociais, históricos, culturais e cidadãos.

No que diz respeito a alfabetização e o letramento houve um grande avanço. Diante desses resultados, que estão arquivados junto à coordenação pedagógica juntamente com as avaliações escritas (mostra em anexo no portfólio), constatou-se que trabalhar de modo interdisciplinar, utilizando a leitura, a ludicidade, as TCIs, o trânsito e a criação artística, além de ser um excelente caminho também apresenta ótimos resultados, como o abandono dos estereótipos. Houve vários beneficiados com a ação:

Diretos: Educandos, Familiares, Educadora e Equipe Escolar

Indiretos: Outros educandos da escola, especialmente do Ensino Fundamental I, que participaram da mostra do trabalho; Educadores do Ensino Fundamental I, que participaram de uma oficina referente ao projeto; Educadores do PNAIC (Pacto Nacional Alfabetização na Idade Certa) que assistiram a apresentação do mesmo; Educadores da Educação Infantil da Rede Municipal de Dourados, também pela apresentação do projeto.

IX- AVALIAÇÃO

Foram realizadas diversas avaliações, tais como:

- **Avaliação Inicial (Diagnóstica):** Realizada pelo levantamento da problemática, dos questionamentos, das falas, atitudes e do conhecimento prévio.

- **Avaliação Contínua:** Desenvolvida durante todo o processo, por meio da observação da participação, interesse, domínio, criatividade nas artes...

- **Avaliação Formativa:** Cada educando foi avaliado em relação a si mesmo e teve retorno dos seus avanços artístico, cognitivo, afetivo, emocional e social.

- **Autoavaliação oral do educando:** De modo descontraído conversamos e os educandos puderam falar do que mais gostaram, o que avançaram...

- **Autoavaliação da educadora:** Precisei reavaliar meus objetivos, métodos e técnicas. Foi necessário também, me reeducar para abandonar algumas posturas do dia a dia em que, de certa forma, contribuía com os estereótipos.

- **Avaliação através de entrevistas filmadas** com alguns trechos, transcritos:

Educando: *“Eu aprendi que homem e mulher pode dirigir [...] pode cozinhar, pode lavar louça ...”*

Vovó: *“Para mim, o projeto foi ótimo [...] Esse negócio de homem ter separação sobre a mulher, nada disso! Tem mulher que joga, tem mulher que é borracheira, tem mulher que é caminhoneira...”*

Diretor Geral : *“No trabalho já observa-se a mudança de conceitos, de pensamentos e de valores das crianças[...] é um trabalho educativo que requer um médio e longo prazo.”*

Diretora de Estrutura: *M^a Ivanir “ O projeto, quando é trabalhado na infância e ainda chama a participação dos pais, é muito bom!”*

Diretora Pedagógica: *“O projeto é grandioso e vai além do fazer pedagógico, é um trabalho comprometido com a sociedade[...]*

Coordenadora da turma: *“É na escola que a gente planta a sementinha e, interessante, que é a partir das crianças, dos nossos pequenos, que a gente vai embutindo neles essa nova visão cultural”*

Educadora da Turma: *O projeto foi de grande valia pois nos permitiu compreender que homens e mulheres possuem os mesmos direitos e deveres. Os educandos cresceram cognitivamente e, especialmente, como cidadãos.*

X- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa escola tem no seu Projeto Político Pedagógico a filosofia de “Educar para a cidadania”, ou seja é uma escola cidadã. O projeto aqui apresentado, pautado nessa filosofia, foi de grande valia pois houve o envolvimento dos educandos, das famílias e da equipe escolar. Todos nós crescemos, especialmente, como cidadãos.

Apesar do sucesso do mesmo, acreditamos que o combate aos estereótipos é um processo contínuo que deve ser trabalhado por toda a escola e retomado sempre.

O trabalho foi apenas o início de uma caminhada que ainda tem muito a ser percorrido. Diante disso, se conseguirmos um espaço para a criação da Brinquedoteca Inclusiva, pretendemos realizar oficinas integrando todas as turmas e idades. Para que os educandos, juntos com os seus educadores, por meio da arte, confeccionem brinquedos, meios de transporte e jogos para compartilharem entre todos pois,

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE- Pedagogia do Oprimido- 1968)

XI- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA SAGRADA- **Provérbio 22 versículo -6- Tradução João Ferreira de Almeida**

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental- **PCN(s) Parâmetros Curriculares Nacional Artes**- Brasília: MEC, SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacional – Temas Transversais- Orientação Sexual** p.322 Brasília: MEC, SEF, 1998.

DENATRAN- **Portaria nº 147/09-** Diretrizes Nacionais da Educação para o Trânsito no Ensino Fundamental

EDUCARED- Relações de Gênero- Original: Yara Sayão e Silvio Duarte Bock- Edição: Equipe EducaRede Dezembro- 2002) Disponível em: <http://www.educared.org/educa>

FREIRE, Paulo- **A educação na cidade.** São Paulo: Cortes, 1991.

FREIRE, Paulo- **Pedagogia do oprimido-** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOFFMANN, Maria Helena & FILHO, Silvio Serafim- **COMPORTAMENTO NO TRÂNSITO- A Educação Como Promotora de Comportamentos Socialmente significativos no Trânsito** p114, 2003

LUCKESI, Cipriano Carlos- **Brincar II- Brincar e seriedade-** 2005

PLANOS DE METAS COMPROMISSO TODOS PELA EDUCAÇÃO- **Decreto 6.094,** de 24/04/2007.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO- **Escola Municipal Neil Fioravanti-** Unidade CAIC

VASCONCELOS, E. A. A- **O que é Trânsito.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985 2ª Edição (Coleção Primeiros Passos)

VYGOTSKY, LS. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984 (p.114)